

Amados(as) Irmãos(ãs) da Diocese de Apucarana

Esta Carta Pastoral é também Sinodal, pois é fruto de muitas pesquisas, discussões e análises, especialmente, entre os presbíteros. Reconhecendo nossa atual realidade e procurando essencializar e dinamizar nosso trabalho pastoral diante da nova realidade eclesial e social, esta carta apresenta novas orientações para a vida comunitária e os Ministérios Não Ordenados na Diocese de Apucarana.

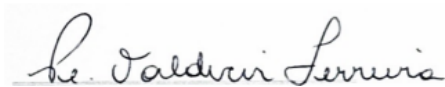
Peço a todos os agentes de pastoral da nossa amada Diocese, que estudem, aprofundem e coloquem em prática essas orientações para garantir a unidade em todo o nosso território diocesano. A partir dos dados do Censo Diocesano e do IBGE, vislumbramos a realidade diocesana, e percebemos a necessidade de valorizar as nossas Diaconias, já históricas em nossa Igreja Particular. As Diaconias são o primeiro nível de Igreja entre nós. São a base e a estrutura firme de nossas Paróquias. Espaço do encontro, da celebração, da missão e caridade. São realidades preciosas que queremos dinamizar em nossa ação evangelizadora.

Acolhamos estas orientações em vista de uma evangelização cada vez mais eficaz, buscando despertar, motivar e essencializar, em comunhão e comunicação.

A Senhora de Lourdes, estrela da evangelização, nos abençoe e nos acompanhe em nossa bela missão de mostrar Jesus presente em nossa vida e história.

Na Festa do Apóstolo São Tiago, no Ano Santo Jubilar.
25/07/2025

+ 
Bispo de Apucarana
Dom Carlos José de Oliveira
Bispo Diocesano de Apucarana


Padre Valdecir Ferreira
Secretário Executivo da Ação Evangelizadora da Diocese de Apucarana

1. A Importância das Comunidades na Vida e Missão da Igreja

A Igreja Católica, desde suas origens apostólicas, tem em sua identidade mais profunda a forma comunitária de viver, crer e anunciar o Evangelho. As comunidades — em suas diversas expressões e tamanhos — não são um acréscimo accidental à estrutura eclesial, mas um traço essencial e constitutivo da vida cristã. Já os primeiros discípulos, como lemos nos Atos dos Apóstolos, “eram perseverantes na escuta do ensinamento dos apóstolos, na comunhão fraterna, na fração do pão e nas orações” (At 2,42). Esta é a imagem inaugural da Igreja: uma comunidade viva, orante, partilhada e missionária. Ao reunir-se, para celebrar a “Eucaristia que nos faz Igreja”, formamos uma comunidade ativa, consciente, plena e frutuosa (SC 14), que mobiliza o testemunho e gera a transformação *ad intra* (movimentos de conversão) e *ad extra* (movimentos de profecia, em vista da profunda *metanoia*).

1.1 Fundamento bíblico e teológico das comunidades

Jesus Cristo, ao chamar os Doze e enviar os discípulos dois a dois (cf. Mc 6,7), institui um modo comunitário de seguir e anunciar o Reino. Ele mesmo viveu cercado por discípulos, amigos e mulheres que o acompanhavam (cf. Lc 8,1-3), revelando que a fé cristã se vive em comunhão. O apóstolo Paulo, ao escrever às comunidades (Corinto, Roma, Éfeso etc.), reforça essa dimensão eclesial que se organiza em pequenas assembleias — as chamadas igrejas domésticas (cf. Rm 16,5).

Teologicamente, a Igreja é chamada de Povo de Deus, (cf. *Lumen Gentium*, 1), Corpo de Cristo, Templo do Espírito Santo e, conseqüentemente, “mistério de comunhão”. Cada comunidade, por menor que seja, é expressão visível e concreta desta realidade espiritual. O Concílio Vaticano II reafirma essa concepção ao recordar que “Deus quer salvar os homens não individualmente, mas formando com eles um povo” (LG, 9). É neste contexto que se compreende a importância das paróquias e pequenas comunidades eclesiais.

1.2 A paróquia: espaço de comunhão e missão

Historicamente, a paróquia se tornou o espaço privilegiado da vida cristã ordinária, especialmente a partir da Idade Média. No entanto, o seu papel não é apenas administrativo ou sacramental. São João Paulo II, na *Christifideles Laici* (n. 26), descreve a paróquia como “a Igreja inserida nos bairros da vida humana”. O Documento 100, da CNBB, desenvolve amplamente esta proposta da Paróquia como rede de comunidades e o Papa Francisco reafirma, na *Evangelii Gaudium* (28), o mesmo conceito que o documento citado anteriormente utiliza, afirmando que ela precisa se tornar uma “comunidade de comunidades”, centro de irradiação da fé e da caridade.

“A paróquia não é uma estrutura caduca; precisamente porque tem uma grande plasticidade, pode tomar formas muito diversas que requerem a docilidade e a criatividade missionária do pastor e da comunidade. Se é capaz de se reformar e adaptar continuamente, continuará a ser ‘a própria Igreja que vive no meio das casas dos seus filhos’. Isto supõe que realmente esteja em contato com os lares e a vida do povo, e não se torne uma estrutura prolixa separada das pessoas ou um grupo de eleitos que se olham a si mesmos. A paróquia é presença eclesial no território, âmbito da escuta da Palavra, do crescimento da vida cristã, do diálogo, do anúncio, da caridade

generosa, da adoração e da celebração. Por seu dinamismo missionário, será capaz de ser uma comunidade de comunidades e de grupos, um santuário onde os sedentos vão beber para continuar a caminhar, e um centro de constante envio missionário.”

Neste sentido, as pequenas comunidades (encontros familiares, grupos de vivência, pastorais, grupos missionários etc.) ganham relevância como células vivas da evangelização, onde se compartilha a Palavra, se reza, se escuta e se acolhe. Elas são o espaço onde a fé se torna concreta, próxima, encarnada na realidade local.

1.3 Desafios atuais da vida comunitária

Nos dias de hoje, enfrentamos grandes desafios: o individualismo crescente, a cultura do descartável, a urbanização que isola, o cansaço pastoral e a fragmentação social. Muitos fiéis se sentem distantes da Igreja e suas estruturas. Além disso, o avanço de outras denominações e o secularismo criam um ambiente onde a fé precisa ser constantemente cultivada e testemunhada com autenticidade. Com isso, mobiliza-se uma evangelização midiática, que proporciona um alcance inimaginável, mas também desafios grandiosos: 1) a avaliação do conteúdo transmitido pelos instrutores da fé, através das mídias sociais; 2) o acompanhamento dos fiéis a quem foi transmitida a fé, proporcionando um movimento de acolhida, aprofundamento e inserção na vida da comunidade; 3) Perceber que a proposta querigmática não se enquadra apenas como um primeiro anúncio único e irremediável. As ações querigmáticas mobilizam as circunstâncias em que todo momento de anúncio, encanto, atração e também de reencanto e de outras movimentações em vista da atração a Jesus Cristo, são modalidades de “novos anúncios”, vistos como um entusiasmo recrutador, como um “novo primeiro anúncio”, ou ainda, um contínuo primeiro anúncio que se prolonga em cada “novo anúncio, que gera compromisso, pertença e permanência”. Assim, já não temos um único ato querigmático, mas uma ação continuada e prolongada. Lembramos que a proposta de Jesus Cristo é imutável, enquanto a experiência eclesial passa por contínuas transformações e adequações.

Conjuntamente, temos também desafios internos: comunidades marcadas por conflitos, estagnação, falta de formação, ausência de lideranças preparadas e um certo clericalismo que ainda dificulta a corresponsabilidade dos leigos, a falta de formação sólida e comprometida. Fragmentações pessoais que podem influenciar nas fragmentações comunitárias e mesmo pastorais. Verificamos o surgimento de inúmeras ações que, por vezes, em frentes diversas dizem sobre os mesmos assuntos. Muitas propostas pastorais e/ou de variados movimentos que incidem nos mesmos públicos e com ações muito similares.

1.4 Indicações para um caminho evangelizador eficaz

Diante disso, é urgente que retomemos, com ousadia, o dinamismo das primeiras comunidades cristãs. Algumas pistas concretas podem nos ajudar nesse processo:

- Fortalecer as diaconias como espaço de escuta da Palavra, oração e solidariedade, como nos primeiros tempos (cf. At 2,46);
- Valorizar os ministérios leigos, oferecendo formação e acompanhamento espiritual aos animadores, catequistas e missionários;

- Investir na iniciação à vida cristã, especialmente para adultos, com itinerários catequéticos que favoreçam a experiência pessoal com Cristo e o vínculo com a comunidade;
- Criar uma pastoral da acolhida que realmente escute, receba e caminhe com os afastados, feridos e indiferentes;
- Fomentar a espiritualidade da comunhão (cf. *Novo Millennium Ineunte*, 43), como estilo eclesial: partilha, escuta, diálogo e discernimento em comum;
- Perceber o movimento de envelhecimento da população e estar atentos para oferecer uma evangelização adequada, capaz de dialogar, valorizar, acompanhar e fortalecer a rede de solidariedade com as pessoas idosas e seus familiares;
- Promover a missão permanente, saindo ao encontro das periferias existenciais, como nos convidou o Papa Francisco.

2. NÍVEIS DE IGREJA NA DIOCESE DE APUCARANA

A Diocese de Apucarana, desde a sua instalação, no limiar do Concílio Vaticano II, que promoveu a unidade da família humana e cristã e a revitalização pastoral da Igreja, tem sido marcada pela experiência da vida comunitária através das diaconias, das comunidades, das assembleias, dos conselhos, entre outros. É a família divina diocesana de Apucarana que buscou cuidar de cada membro no seu contexto e real necessidade.

Em nossa história, também vivemos o forte impacto do êxodo da população rural para os centros urbanos, mais sistematicamente a partir da segunda metade da década de 70. Este fenômeno de crescimento urbano desordenado gerou o aumento dos problemas ambientais e sociais nos grandes centros urbanos, mudanças da configuração religiosa brasileira e impôs desafios pastorais: “é urgente a criação de novas estruturas pastorais, visto que muitas delas nasceram em outras épocas para responder às necessidades do âmbito rural” (DAp, n. 173). Em décadas passadas bastava convidar as pessoas para um momento de oração e a resposta era positiva e imediata. Vivia-se num regime de “cristandade”, já que a grande maioria da população era tradicionalmente católica. A iniciação à vida cristã era costumeira. No contexto rural, a celebração da Palavra ou a oração do terço era momento de encontro de todos os moradores de uma localidade. Porém, o mundo, ao nosso redor, mudou e continua a mudar rapidamente e, por isso, já não dá mais para supor que a fé católica é transmitida automaticamente, de geração em geração, por costume ou tradição.

É só verificar e constatar o que se passa: muitos abandonaram a Igreja, aumenta o número dos que se dizem “sem religião”, grupos evangélicos surgem por toda parte, tentam com proselitismo “converter” os outros. E quem não tem firmeza nem profundidade nas suas convicções de fé, acaba desistindo e abandonando a fé católica. Triste também é constatar que, mesmo em famílias até agora fervorosas, cresce o número dos que já não buscam mais os sacramentos: não se casam mais na Igreja, nem se preocupam em formar um lar cristão; não batizam os filhos, nem os encaminham para a catequese; os valores cristãos não repercutem mais na vida social. O resultado disso é o aumento do número daqueles que não mais se reconhecem católicos,

relativizam tudo, abandonam a fé e se tornam indiferentes religiosos. O Papa Bento XVI, numa declaração lapidar, com clareza tanto no significado quanto na concisão, denunciou a “ditadura do relativismo”. Expressão que ele cunhou na missa *Pro Eligendo Pontifice*, que presidiu em 18/04/2005, como Decano do Colégio de Cardeais, às vésperas de ser eleito, ele mesmo, o 265º Sumo Pontífice da nossa Igreja:

Nós estamos caminhando para a ditadura do relativismo que não reconhece nada como definitivo e tem como valor máximo o ego e os desejos individuais. A Igreja precisa se opor às marés de modismo e das últimas novidades. Precisamos nos tornar maduros nessa fé adulta, precisamos guiar o rebanho de Cristo para essa fé.

Por isso, o Papa Francisco, em 2013, no início do seu pontificado, na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, sobre a nova evangelização para a transmissão da fé no contexto atual da Igreja e do mundo, retomando as palavras do Documento de Aparecida, orientou a Igreja no mundo inteiro a não se retrair dentro de uma “zona de conforto”, mas a ser uma “Igreja em saída”, indo ao encontro das pessoas e das situações em que se faz necessário anunciar e ouvir a Boa Nova de Jesus. Precisamos nos tornar uma Igreja “em estado permanente de missão”, que se converta e renove a partir do encontro pessoal com Jesus Cristo. A CNBB também nos apresentou no Doc. 100 a necessidade da conversão pastoral: “a paróquia missionária há de ocupar-se menos com detalhes secundários da vida paroquial e focar-se mais no que realmente propõe o Evangelho” (n.58) e alerta que “enquanto a comunidade paroquial for autorreferencial, ocupando-se apenas de suas questões internas, tende atrair cada vez menos pessoas, pois o discípulo de Cristo não é uma pessoa isolada em uma espiritualidade intimista, mas uma pessoa em comunidade” (n.60). No Doc. 107, a CNBB orienta sobre a urgência da Iniciação à Vida Cristã: “a iniciação à vida cristã é uma urgência que precisa ser assumida com decisão, coragem e criatividade. Ela renova a vida comunitária e desperta seu caráter missionário. Isso requer novas atitudes evangelizadoras e pastorais” (n. 69). Para alcançarmos o elevado objetivo de sermos uma Igreja em estado permanente de missão é preciso considerar que isso “só é possível a partir de uma efetiva Iniciação à Vida Cristã, pois os processos de iniciação expressam a força missionária da Igreja e, ao mesmo tempo, gera novos missionários para a Igreja” (n.65). Graças a Deus e ao trabalho de tantos leigos(as) e dos ministros ordenados, nossas paróquias formam uma rede viva e animada de comunidade de comunidades que expressam a vitalidade missionária de ser Igreja.

Nossa Diocese possui três níveis de Igreja, enquanto Igreja Particular: 1) Diocese, 2) Decanato, 3) Paróquia. Continuando nossa bela história diocesana, desejamos agora dar mais passos rumo a uma Igreja em saída, decididamente missionária, como nos pediu o Papa Francisco. Para isso, redesenhamos assim a nossa diocese a partir de **três níveis eclesiais**, objetivando a saída de uma pastoral de mera manutenção para uma pastoral decididamente missionária (DAp. 376; EG, 181), considerando a realidade de nosso tempo e a necessidade de se rever estruturas arcaicas, que não respondem mais às inquietações atuais e nem comunicam eficazmente a experiência da fé, para que aconteça no meio de nós a verdadeira “conversão pastoral” (Doc. 100, 51). Nas últimas décadas nossas Paróquias eram

compostas por quatro níveis de Igreja: 1) Paróquia, 2) Comunidade, 3) Diaconia, 4) Grupo de Vivência. Agora reestruturamos a nova configuração em três níveis, da seguinte forma: 1) Paróquia, 2) Comunidade e 3) Diaconia. Recordamos que o Grupo de Vivência não está extinto, ele está incluído no terceiro nível. Inclusive incentivamos estes grupos e oferecemos um material para ser utilizado semanalmente. Vale lembrar que este material pode ser utilizado não somente pelos grupos de vivência, mas por todos os demais grupos e membros que formam a diaconia, incluindo as pastorais, movimentos, serviços e associações presentes nestes três níveis de Igreja).

1. **Paróquia:** a comunhão das comunidades e diaconias forma a Paróquia, que é uma “comunidade de fiéis, constituída estavelmente, e seu cuidado é confiado ao pároco, sob a autoridade do Bispo diocesano” (CIC, 515). O pároco juntamente com seus vigários – onde houver – deve se reunir periodicamente com os ministros(as), coordenadores das diaconias, das pastorais e movimentos em nível paroquial e realizar, estavelmente, as reuniões do Conselho Missionário Pastoral Paroquial (CMPP). Todos devem estar unidos com o Secretário Decanal da Ação Evangelizadora (Decano), em comunhão com o Bispo diocesano, legítimo sucessor dos Apóstolos, escolhido por Cristo.

2. **Comunidade:** Um bairro ou conjunto habitacional maior, contando as famílias católicas ou não, formam a Comunidade, que pode ser identificada com um templo e local de catequese, encontros, com a Santa Missa dominical e celebrações semanais da Palavra de Deus com distribuição da Eucaristia. Recomendamos, como estratégia para antecipar a presença da Igreja nas grandes comunidades, a locação de um espaço celebrativo e evangelizador, até que a comunidade possa se organizar para adquirir um terreno e construir o seu templo. Conjuntos habitacionais, com grande densidade demográfica e centenas de casas agrupadas e concentradas, surgem dum dia para o outro, forçando a população, muitas vezes, a habitar em moradias sem condições físicas e de infraestrutura inadequada. A Igreja Católica sempre atrasa sua chegada e atuação nas periferias geográficas. Conseguiremos reverter esta tendência, quando cientes da necessidade de sermos uma Igreja em saída missionária e disposta a ir ao encontro das periferias físicas e existenciais. No mistério da Encarnação, “o Verbo Divino se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,14) em uma realidade periférica longe do luxo e das ostentações palacianas. Transitar pelas periferias faz parte da identidade da Tradição cristã desde as suas origens, como verificamos no tempo da Igreja primitiva que sobreviveu na clandestinidade, sendo perseguida pelo Império Romano nos primeiros séculos do cristianismo.

A Comunidade deve ser coordenada por um diácono ou ministro, escolhido entre os ministros pertencentes a esta comunidade, que depois de um processo de formação é designado pelo pároco. O que coordena tem a função querigmático-missionária, pois além de dinamizar todo processo evangelizador nesta região e ambientes, buscando motivar, formar e articular os ministros, os catequistas, as pastorais, os serviços e movimentos possíveis de existirem neste nível eclesial, deve considerar que é a hora de colocar em prática a convocação de sermos uma “Igreja em saída”, ou seja, “sair em direção dos afastados, dos excluídos (...) sair em direção às periferias humanas” (EG, 46). Segundo o Papa Francisco, a Igreja reclusa entre os seus próprios muros e dogmas não pode dar conta do que nos pede o Evangelho.

Em resumo, trata-se de uma convocação para uma verdadeira conversão pastoral. Um chamado para a Igreja deixar de lado o comodismo e ir, mais vezes, ao encontro de quem mais precisa, de quem está distante, física ou simbolicamente. É importante estarmos realmente cientes de que não estamos mais em um regime de cristandade, infelizmente crescem em nossos ambientes o número daqueles que totalmente desconhecem a pessoa de Jesus Cristo. Como resposta a esta desafiadora realidade, é indeclinável colocarmos em marcha em toda a Diocese de Apucarana o processo de Iniciação à Vida Cristã. O saudoso Papa Francisco disse que prefere “uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças” (EG, 49). O discípulo de Jesus, como fruto da Iniciação à Vida Cristã, é chamado, gradual e progressivamente, a rever suas atitudes, escolhas e comportamentos, promovendo uma efetiva conversão da própria vida.

Frente às dificuldades e desafios que o mundo lhe apresenta, deverá elaborar um novo projeto de vida, tendo como base a proposta do Senhor, centrado no espírito das bem-aventuranças, nos mandamentos e na tarefa de edificar o Reino de Deus, não só no interior de seu coração, mas também na história” (Doc. 107 da CNBB, n.134).

3. **Diaconia:** A Diaconia é o nível básico de nossa Diocese, sendo a pequena comunidade, o lugar onde podem ser cultivadas as relações que impulsionam os compromissos nos demais níveis de Igreja. Neste sentido, a Diaconia é dimensionada como um grupo de fiéis, orientados à proposta do encontro, da convivência, do aprofundamento da fé e do compromisso comunitário. Na zona rural, as diaconias serão formadas pela quantidade de famílias que moram naquela localidade, geralmente em número menor – coordenada por um ministro de diaconia escolhido entre os ministros pertencentes a esta ou outra comunidade da mesma paróquia, que, depois de um processo de formação, é designado pelo pároco. Quem coordena tem uma função eminentemente missionária e deve se empenhar para promover a vida e o encontro na Diaconia. Além disso, os participantes das diaconias podem se encontrar para celebrar ou rezar nos momentos expressivos da vida familiar: aniversários, bodas, nascimentos, chegada, partida, doenças, morte etc. Em posse dos dados do arrastão missionário, os ministros de diaconia têm a missão de cuidar dos que conosco estão, de acolher os que nos procuram e de buscar os afastados. Manter um contato personalizado e permanente com os que estão distantes, acolher com muita paciência e sem julgamentos aqueles que nos procuram. O Papa Francisco nos exortava sobre a necessidade deste cuidado espiritual fraterno com quem está afastado física e simbolicamente: “se alguma coisa nos deve santamente inquietar e preocupar a nossa consciência é que haja tantos irmãos nossos que vivem sem a força, a luz e a consolação da amizade com Jesus Cristo, sem uma comunidade de fé que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida” (EG, 49). É imprescindível que aconteça uma ressignificação neste nível eclesial básico na nossa Diocese, para isso indicamos que as Diaconias se organizem contemplando estes aspectos necessários para a sua estruturação:

a) **Diaconia Territorial:** esta será a primeira instância missionária diaconal em nossa Diocese. Composta por famílias, sempre animadas pela

meditação da Palavra, pela administração e vivência dos Sacramentos, pelo estudo dos Documentos da Igreja e pela recitação do Terço.

b) **Diaconia Ambiental ou Afetiva e os Grupos de Vivência:** em uma cultura urbana como a nossa, que impregna até mesmo a zona rural, onde “geralmente quem menos se conhece é o vizinho de porta” (Doc. 100, n. 249), reconhecemos as diaconias ambientais ou afetivas, que são quaisquer grupos, familiares, ambientais, on-line ou por adesão, que se reúnam semanalmente e inicie o encontro com a oração do Terço, preferencialmente, em torno da capelinha peregrina de Nossa Senhora de Lourdes. Aqui se inserem também os grupos de movimentos, serviços, carismas e outros que se reúnam com frequência.

c) Orientamos para que cada Diaconia tenha a sua **Capelinha de Nossa Senhora de Lourdes** e também a de seu santo padroeiro, podendo ser uma ou muitas capelinhas. Em torno desta Capelinha, que percorrerá as casas das famílias católicas, a diaconia se unirá semanal, quinzenal ou mensalmente, de maneira presencial ou remota, para a leitura e meditação da Palavra de Deus e também para a recitação do santo Terço

Aqui é imperativo reconhecer que o mundo está cada vez mais digital. As pessoas – sobretudo os jovens – quase diuturnamente estão conectadas à internet, em comunicações e trocas instantâneas de dados e mensagens. O Sul do Brasil, segundo os dados do IBGE de 2023, atingiu um percentual ainda mais impressionante de 88,2% de pessoas com acesso à internet

Estas constatações evidenciam que a nossa modalidade diaconal precisa ser atualizada. A “conversão pastoral” (EG 25) e a “inadiável renovação eclesial” (EG 27), não pode ignorar essas informações, para não correremos o risco de gastarmos tempo e energia em ações estéreis e obsoletas. Por isso, propomos que os Grupos de Vivência, se tornem instâncias acopladas às Diaconias e não grupos distintos. Assim sendo, os Grupos de Vivência, além da modalidade como já conhecemos, serão quaisquer grupos, familiares, territoriais, ambientais, afetivos, on-line ou por adesão, que se reúnam semanalmente e inicie o encontro com a oração meditada do santo Terço, conforme o roteiro produzido e disponibilizado pelo Secretariado Diocesano de Pastoral. Existindo, unicamente, para unir as pessoas e as famílias, Igrejas domésticas, para rezarem e darem verdadeiro testemunho de fé, de modo a praticar o Evangelho no tempo e no espaço, sendo uma Igreja mediadora do carisma da salvação e identificada com o seu Mestre, Jesus Cristo, o Bom Pastor.

3. OS MINISTÉRIOS NÃO ORDENADOS NA DIOCESE DE APUCARANA

O Vaticano II disse que os leigos são os fiéis “cristãos que sendo incorporados a Cristo pelo Batismo, constituídos como parte do povo de Deus e feitos participantes do múnus sacerdotal, profético e real de Cristo Jesus, exercem sua parte integrante na missão de todo povo de Deus na Igreja e no mundo” (LG, 31). Assim, o Concílio faz nascer na Igreja os ministérios não ordenados para serem apoio aos ministros ordenados na missão tão ampla da evangelização, como faziam as primeiras comunidades cristãs (At 6,3).

A renovação eclesial que nos trouxe o Concílio Vaticano II promoveu um notável florescimento de novas formas de associação e apostolado no campo do

laicato católico. O Papa São João Paulo II, escreveu: “Nestes tempos mais recentes, o fenômeno da agregação dos leigos entre si assumiu formas de particular variedade e vivacidade... Pode se falar de uma nova era agregativa dos fiéis leigos” (CFL, 29).

Nossa Diocese, ao longo de sua experiência pastoral pós-conciliar, segue sua organização para ser uma Igreja cada vez mais ministerial, pois a missão da Igreja é missão de todo batizado: Incorporados a Cristo pelo Batismo, somos cooperadores de Deus e vocacionados à missão de Jesus Cristo, somos discípulos-missionários, cuja missão é continuar o anúncio do Reino que Cristo começou entre nós: “Ide pelo mundo inteiro e pregai o Evangelho a toda criatura” (Mc 16,15). Assim sendo, estabeleceu-se que o portador deste ministério é confiado através de um rito litúrgico chamado “instituição” (Doc. 62 da CNBB, n. 87). A escolha destes ministros(as) pertence ao pároco, após ouvir a própria comunidade, cabendo ao Bispo o seu reconhecimento. Na escolha dos portadores deste ministério considere-se os seguintes critérios:

- Maturidade humana: equilíbrio psicológico, bom senso, capacidade de relacionamento e de discernimento;
- Idade mínima de 23 anos e máxima de 75 anos;
- Maturidade cristã e eclesial: seja batizado, feito a Primeira Eucaristia e Crisma, que tenha fé consciente e comprometida e viva as dimensões do testemunho da fé cristã;
- Demonstre espírito de serviço, capacidade de trabalhar em equipe e seja participante assíduo da vida comunitária;
- Tenha capacidade de liderança reconhecida em seu ambiente;
- Possua formação escolar básica ou equivalente;
- Comungue da visão eclesial expressa nos documentos da Igreja e da Diocese de Apucarana.

Na Diocese de Apucarana, para melhor estruturar e organizar as ações evangelizadoras, os ministérios não ordenados estão divididos em cinco (5) categorias:

3.1 Ministro Coordenador do CMPP

Em nossa Diocese, no ano de 2022, instituímos a figura do **COORDENADOR(A) DO CMPP**, que juntamente com o Pároco e todos os membros deste conselho missionário tem a função de:

1. Promover a comunhão da comunidade paroquial com a diocese e sua ação evangelizadora;
2. Assumir com o pároco e seus vigários a elaboração, decisão e execução do Plano Diocesano de Ação Evangelizadora;
3. Preparar conjuntamente com o pároco o Encontro Paroquial da Ação Evangelizadora.
4. Empenhar-se para que sejam assumidas as diretrizes e prioridades pastorais da Diocese de Apucarana;
5. Integrar a caminhada pastoral das diversas comunidades, pastorais e movimentos;
6. Manter viva na Paróquia a atitude de acolhimento e serviço a todos, especialmente aos pobres e afastados;
7. Empenhar-se para que a paróquia cresça no ardor missionário;

8. Colaborar em tudo o que diz respeito à organização e funcionamento da paróquia a fim de que esta possa realizar convenientemente sua missão e cumprir suas finalidades.

3.2 Ministro(a) de Comunidade

Este(a) tem a função de dimensionar e coordenar a vida da comunidade para estar em sintonia e comunhão com a vida da Paróquia. É imprescindível que esteja atento(a) a proporcionar a integração, acolhida, unindo a comunidade e sendo um elo que mobiliza a unidade, em vista da construção do Reino de Deus. Por ser um(a) ministro(a) de Diaconia escolhido(a) entre os outros(as) ministros(a) que estão presentes nas Diaconias que compõem a Comunidade, ele(a) coordena as atividades relacionadas à vida da comunidade, em sintonia e com a orientação do Pároco, contribuindo com os coordenadores do CMPP, em vista de facilitar a comunicação e a vida comunitária na Paróquia. A escolha é feita pelo Pároco, sendo apresentado à comunidade, estando à frente por um período de três anos, podendo ser renovado.

3.3 Ministro(a) de Diaconia

Os Ministros de Diaconia devem ser homens e mulheres de reconhecida idoneidade cristã, fé esclarecida, adequada preparação doutrinal, comunhão eclesial e vida cristã íntegra; ter recebido os três sacramentos da iniciação cristã; ter recebido o sacramento do matrimônio, se viver em união conjugal; ter compromisso na vida pastoral da comunidade que vão servir; ter a devida maturidade humana, honestidade reconhecida e comportamento equilibrado; possuir nível cultural adequado à comunidade que vão servir; ter boa aceitação pela comunidade a que se destinam. Após a escolha feita pelo Pároco, com a aprovação do Bispo Diocesano, numa celebração Eucarística, o candidato receberá a instituição com a permissão temporária de três anos, que poderá ser renovada ou cessada, cuja missão consiste em:

- Coordenar ou auxiliar na coordenação e animação da vida diaconal, exercendo uma função missionária e querigmática, isto é, sair em busca de irmãos(ãs) afastados oferecendo-lhes um anúncio vibrante, cheio de vida e de amor ao Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus, nosso Salvador e Senhor;

A função, no mais alto grau, do ministro de diaconia é missionária: consciente de que a Igreja não pode viver em conserva, deve visitar e convidar frequentemente as pessoas, neste nível eclesial, a achegarem-se a Cristo, a participarem dos Grupos de Vivência, a receberem e compreenderem o Evangelho e perseverarem até o fim. O Papa São João Paulo II, na Carta Encíclica *Redemptoris Missio* insistia que a ação missionária “é a tarefa primária da Igreja” (n.34) e que “a causa missionária deve ser a primeira de todas as causas” (n.86). A Conferência do Episcopado Latino-americano e Caribenho ao consentir que realmente “há mais alegria no Céu por um só pecador que se converte do que por noventa e nove justos que não precisam de conversão” (Lc 15,7), apela para a necessidade de nos desinstalarmos: “Não podemos ficar tranquilos, em espera passiva, em nossos templos” (DA,548), é necessário passarmos “de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária” (n.370)

3.4 Ministro(a) Extraordinário(a) da Sagrada Comunhão Eucarística

Todos sabemos que o Ministro da Eucaristia é o bispo e o padre. O Diácono é Ministro Ordinário da Comunhão Eucarística, mas não é Ministro da Eucaristia. O Ministro por excelência da Eucaristia é aquele que preside a Eucaristia.

Para ser um Ministro(a) Extraordinário(a) da Sagrada Comunhão Eucarística é preciso, além das qualidades supramencionadas, cultivar uma sólida espiritualidade. É preciso crer que Jesus Cristo realmente se encontra presente e vivo na hóstia consagrada em corpo e sangue, alma e divindade. Sua missão temporária de três anos, que poderá ser renovada ou cessada, consiste em:

- Visitar os enfermos, levando-lhes a Sagrada Comunhão, orientar os familiares e cooperar para que o enfermo possa também receber o Sacramento da Unção dos Enfermos;
- Dedicar-se a um acompanhamento humanizado dos enfermos;
- Colaborar na distribuição da Sagrada Eucaristia nas missas e celebrações;
- Presidir a celebração das exéquias e acompanhar celebrativamente as famílias enlutadas;
- Acompanhar celebrativamente as famílias que sofrem a morte de um ente querido;
- Proclamar as leituras nas Missas e Celebrações.

3.5 Ministros(as) da Catequese

O ministério de catequista, instituído oficialmente pelo Papa Francisco por meio do *Motu proprio Antiquum ministerium* (2021), é um serviço estável confiado aos leigos pela Igreja para colaborar na missão evangelizadora, especialmente no âmbito da iniciação cristã e da educação da fé. Embora a prática catequética tenha raízes nos primeiros tempos do cristianismo, com homens e mulheres dedicados à transmissão do Evangelho, este reconhecimento formal reforça a importância da catequese como dimensão essencial da vida e missão da Igreja.

O Catequista é chamado, antes de mais nada, a exprimir a sua competência no serviço pastoral da transmissão da fé que se desenvolve nas suas diferentes etapas: desde o primeiro anúncio que introduz no *querigma*, passando pela instrução que conscientiza sobre a vida nova em Cristo e prepara, de modo particular, para os sacramentos da iniciação cristã, até à formação permanente que consente que cada batizado esteja sempre pronto “a dar a razão da sua esperança a todo aquele que lhe peça” (cf. 1 Pd 3, 15). O Catequista é simultaneamente testemunha da fé, mestre e mistagogo, acompanhante e pedagogo que instrui em nome da Igreja. Uma identidade que só mediante a oração, o estudo e a participação direta na vida da comunidade é que se pode desenvolver com coerência e responsabilidade (cf. *Antiquum ministerium*, 6).

Convém que, ao ministério instituído de Catequista, “sejam chamados homens e mulheres de fé profunda e maturidade humana, que tenham uma participação ativa na vida da comunidade cristã, sejam capazes de acolhimento, generosidade e vida de comunhão fraterna, recebam a devida formação bíblica, teológica, pastoral e pedagógica, para serem solícitos comunicadores da

verdade da fé, e tenham já maturado uma prévia experiência de catequese. Requer-se que sejam colaboradores fiéis dos presbíteros e diáconos, disponíveis para exercer o ministério onde for necessário e animados por verdadeiro entusiasmo apostólico” (cf. *Antiquum ministerium*, 8).

A nomeação deve ser feita pelo Bispo Diocesano, que avalia o discernimento e a necessidade local, podendo instituí-lo por meio de um rito litúrgico próprio.

3.6 Orientações Práticas

3.6.1 Quanto às vestes litúrgicas para os Ministros:

- O Jaleco branco é a veste litúrgica própria do Ministro(a);
 - O Jaleco deve ser usado somente quando o Ministro estiver servindo o Altar;
 - Em cima do jaleco branco não devem ser utilizados outros adereços como broches, medalhas, fitas etc.;
 - Não é permitido o uso da túnica. Esta é destinada para Ministros Ordenados e Seminaristas;
- Um estudo está sendo realizado para o uso de um jaleco comum em toda a Diocese de Apucarana.

3.6.2 Quanto ao tempo:

- Indica-se que os ministros sejam instituídos por um período de quatro anos, podendo ser renovados;
- Cada Ministro(a) receberá uma carteirinha de identificação, confeccionada pela Chancelaria Diocesana.

4. OS INSTRUMENTOS DE COMUNHÃO NA DIOCESE DE APUCARANA

4.1 Os Encontros da Família Diocesana

Orientados pelo XXV PLADAE, que “visa unificar a caminhada pastoral da nossa Igreja Particular, tornando-a mais eficaz” (p.10), recomendamos realizar sempre que houver maior necessidade pastoral os Encontros nos níveis paroquial, decanal e diocesano, com o objetivo de avaliar, refletir, tomar decisões e encaminhar em espírito sinodal, as ações evangelizadoras. Estes encontros são oportunidades de se ouvir e ver a realidade, julgá-la à luz do Reino de Jesus Cristo, das orientações da Igreja, das reflexões de outras ciências humanas e de chegar a conclusões factíveis, realistas e confiantes na graça de Deus, para agir. Não podemos fazer por fazer, para cumprir calendário ou para dizer que fazemos. Os encontros para reflexão da Ação Evangelizadora são as maiores instâncias e o maior foro de discussão e de valorização de todos na Igreja.

Portanto, sejam realizadas com a autorização do Bispo, que, quando houver necessidade pastoral, apresentará os temas e a metodologia de trabalho a partir da seguinte ordem:

- a) No mês de agosto, acontecerão os **Encontros Paroquiais da Ação Evangelizadora**, reunindo as lideranças das

diaconias/comunidades e dos Grupos de Vivência, das pastorais e movimentos, dos serviços e organismos existentes na paróquia;

- b) No mês de setembro, os **Encontros Decanais da Ação Evangelizadora** com os padres, diáconos, coordenadores do CMPP, coordenadores de pastorais e movimentos e as principais lideranças de cada paróquia;
- c) Em outubro acontecerá o **Encontro Anual da Família Diocesana**, com todos os padres, diáconos, religiosas(os), seminaristas, coordenadores do CMPP, das pastorais, movimentos e serviços diocesanos e representantes decanais e paroquiais.

Nos encontros decanais é obrigatória a presença da equipe diocesana executiva das ações diocesanas de evangelização. E como método de dinamização é conveniente a utilização da “Conversa no Espírito”, proposta pelo Papa Francisco.

4.2 Os Conselhos

A constituição de um Conselho revela concretamente que a ação evangelizadora, obra de Deus, confiada a nós por Cristo, deve ser exercida num espírito de sinodalidade, comunhão e participação. Sem reunir as lideranças para orar, refletir, avaliar, tomar decisões, não existe participação e muito menos comunhão.

Indicamos a necessidade de se formar os conselhos nas comunidades e na paróquia, e torná-los funcionais. O Conselho Missionário Paroquial de Pastoral (CMPP) foi estabelecido pelo Código de Direito Canônico (Cân. 536) e na Diocese de Apucarana ele é obrigatório, pois tem a finalidade de garantir aos leigos o direito de participar nas decisões das ações que visam o bem da Igreja, bem como auxiliar o pároco na condução do caminhar pastoral da paróquia, com o único e “grande objetivo de anunciar Jesus Cristo, torná-lo conhecido e amado pelas pessoas que residem num determinado território” (XXV PLADAE, p. 10-11).

4.2.1 Para que serve um CONSELHO?

O conselho é um grupo que procura pôr-se de acordo para agir juntos, para promover e favorecer a ação pastoral, implementar, encaminhar as decisões tomadas nas assembleias e que devem ser operacionalizadas durante o ano. Ajuda a lembrar, avaliar e redirecionar, se preciso.

Conclusão

As comunidades, quando vivas e enraizadas no Evangelho, são instrumentos privilegiados para o anúncio de Jesus Cristo. Em meio aos desafios contemporâneos — como o secularismo, o individualismo, a fragmentação das relações humanas e a crise de sentido — é urgente que a evangelização seja

proposta não como imposição ou repetição de fórmulas, mas como um caminho de atração e fascínio por Cristo.

O Papa Bento XVI afirmou com lucidez: “A Igreja cresce não por proselitismo, mas por atração” (Homilia, 2007). E essa atração se dá quando a fé é testemunhada com beleza, alegria e coerência de vida — especialmente no seio das pequenas comunidades onde se experimenta a proximidade, o acolhimento e o cuidado mútuo. Evangelizar, hoje, é tocar os corações pelo testemunho da misericórdia, da fraternidade e da esperança, despertando no outro o desejo de encontrar-se com o Senhor.

O Papa Francisco, na *Evangelii Gaudium* (n. 27), nos exortou a sermos uma “Igreja em saída”, capaz de “tomar a iniciativa, envolver-se, acompanhar, frutificar e festejar”. As pequenas comunidades, bem formadas e missionárias, são respostas concretas a essa convocação. Elas permitem que o anúncio do Evangelho se torne próximo, relacional e encarnado na realidade de cada pessoa.

Também o Documento de Aparecida recorda que “não há verdadeira evangelização sem a formação de comunidades cristãs” (DAP 176). É no calor dessas comunidades que a fé amadurece e se fortalece, e é por meio delas que a missão se irradia para além dos limites do templo.

Portanto, a proposta evangelizadora dos nossos tempos precisa ser atrativa, encarnada e comunitária, pautada na centralidade de Jesus Cristo e sustentada pelos pilares da Palavra, da vida fraterna, da oração e do serviço. Evangelizar é convidar a um encontro vivo com Cristo — e esse encontro se dá de modo privilegiado quando a Igreja se torna uma rede de comunidades que irradia luz, sentido e salvação.

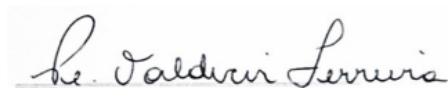
Que, guiados pelo Espírito Santo, inspirados pelos documentos da Igreja e atentos aos sinais dos tempos, possamos renovar nosso ardor missionário e fazer das nossas comunidades verdadeiros espaços de conversão, discipulado e comunhão, capazes de transformar o mundo a partir do coração do Evangelho. E que Nossa Senhora de Lourdes, nossa Excelsa Padroeira, interceda por nossa Diocese, nosso povo, nossos padres, religiosos e religiosas, em vista de que todos estejamos sempre na unidade em prol da construção do Reino de seu Filho.

Nossa Senhora de Lourdes, vosso povo clama. ‘Socorrei e abençoai a Diocese de Apucarana’.

Apucarana, 25 de julho de 2025.
Solenidade de São Tiago, Apóstolo

Handwritten signature of Dom Carlos José de Oliveira, Bishop of Apucarana. The signature is in cursive and includes a cross symbol at the beginning.

Dom Carlos José de Oliveira
Bispo Diocesano de Apucarana

Handwritten signature of Padre Valdecir Ferreira, Executive Secretary of the Evangelizing Action of the Diocese of Apucarana. The signature is in cursive.

Padre Valdecir Ferreira
Secretário Executivo da Ação Evangelizadora da Diocese de Apucarana